

## O DESCONHECIMENTO DA ORIGEM E A PROCURA DA IDENTIDADE

---

*Helder Godinho*

Na literatura universal aparece com frequência o topos da origem desconhecida que provoca o redobramento da paternidade (ou maternidade), ligado, com frequência a um destino heróico e exemplar. Na literatura medieval esse topos aparece também e apresenta-se normalmente em contextos cujos elementos se organizam com alguma coerência e consistência. É desses contextos que quero hoje falar.

Peguemos em algumas obras particularmente interessantes.

### 1. *A Demanda do Santo Graal*

Na versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal*<sup>1</sup> aparecem-nos dois casos de desconhecimento e procura da origem para o estabelecimento da identidade.

Em certo momento do seu percurso, Perceval, ferido, é tratado em casa de uma dama viúva que lhe pede que faça cavaleiro um donzel que ela criara e que encontrara recém-nascido havia 15 anos, junto a um lago envolto em panos de seda. Perceval recusa dizendo que, sem conhecer a sua origem, correria o risco de armar cavaleiro um vilão (§235). Algum tempo depois, Perceval é procurado e derrubado pelo "cavaleiro das armas brancas", o mesmo jovem que ele recusara fazer cavaleiro mas que Tristão, pouco depois, armara cavaleiro. Ao apre-

---

<sup>1</sup> *A Demanda do Santo Graal*, ed. de Irene Freire Nunes, Lisboa, INCM, 1995.

*Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n° 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp. 223-231.

sentar-se, diz: «Eu hei nome (...) "o Cavaleiro Descunhido". Assi me pôs nome Tristam quando me fez cavaleiro porque nom sabia meu nome (§243.» E quer partir agora à procura da sua origem: «... eu me quero ir aa corte del-rei Artur, se per ventura me filhará, que um homem sisudo me disse que ali sabiria meu nome e minha linhagem.» Não descansará «... tá que chegue a casa del-rei Artur, ca ali hei de seer certão da rem do mundo que mais desejo a saber; e esto é de meu nome e de minha linhagem (*ibid.*)».

Mais adiante, Galvão, depois de ter morto o rei Bandemaguz, é desafiado por um cavaleiro negro que pretende com isso vingar a morte de tão bom rei. Posta a paz entre eles por Erec, o cavaleiro identifica-se: «Eu hei nome Meraugis de Porlegues e som de Cornualha, cavaleiro que nom som ainda de muita nomeada, ca nom há muito que foi cavaleiro.» À pergunta de Erec sobre a sua linhagem, responde: «Nom sei, (...) assi me Deus ajude. Nunca soube quem foi meu padre nem minha madre nem conheci, a meu ciente, homem de meu linhagem. E por esto vim a esta terra e entrei em esta demanda u andam os cavaleiros da Mesa Redonda, ca ãũ homem bõõ me disse, aquel dia em que foi novem cavaleiro, que nom saberia verdade de meu linhagem a mãos de entrar na demanda do Santo Graal, mais ali oíria ende a verdade, se a mantevesse longamente. E por esto entrei i depós os outros. (§276)».

Como vemos, a Demanda é, também para Meraugis, a procura da sua própria identidade.

O cavaleiro desconhecido que Perceval não armara cavaleiro é Artur o Pequeno, filho ilegítimo do rei Artur, que o tivera de uma donzela que forçara. O rei não adoptara o menino nem o trouxera para a corte e ele fora criado no desconhecimento da origem, o que mostra a agressão de Artur enquanto pai, e que é desdobrada pela do avô que acaba por o abandonar junto a um lago, para que morra e não dê testemunho dos crimes que ele, avô, acabara de cometer. A essa agressão do pai desdobrada pela do avô, Artur o Pequeno não responderá. A resposta será transposta para outro filho ilegítimo, Mordret.

Ao manter o filho afastado de si e ignorante da sua verdadeira identidade, o rei Artur pretende manter o seu espaço pessoal e social longe das consequências que para o seu nome adviriam do acto que praticou, o que constitui uma agressão inicial contra a identidade do filho, agressão que prolongará ao mandar que seja chamado de Artur o Pequeno, porque não poderá haver outro Artur tão grande como ele, rei, e ao obrigá-lo ao segredo sobre a origem quando, anos mais tarde,

## *O Desconhecimento da Origem e a Procura da Identidade*

na corte, acabar por descobri-la. O pai desvaloriza o filho e retira-lhe a possibilidade do reconhecimento social da origem.

O caso de Meraugis é ainda semelhante. Filho de Marcos da Cornualha e de uma sua sobrinha, o rei matara a mãe da criança depois de esta nascer para que não se soubesse da sua infâmia («por pavor de seer descoberto e seerem ambos prefaçados polo mundo», §278) e pendurara pelos pés o pequeno Meraugis numa árvore para que fosse comido pelas feras. Mas um homem de el-rei «que lhe guardava a porta» (§279), recolheu-o e, sem saber de quem se tratava, entregou-o ao rei que o fez educar no paço até que chegou à idade de ser cavaleiro «e rei Mars o fez cavaleiro em dia de Páscoa. mas, porque andavam dizendo pola casa que Meraugis semelhava rei Mars, ca muito bem podiam dizer que era seu filho, tanto que rei Mars ouviu o tãõ, disse que nom queria que vivesse com ele homem sem padre.» (§280). Meraugis é, assim, abandonado duas vezes para que o rei salve a sua reputação.

Artur o Pequeno e Meraugis de Porlegues viajam à procura do conhecimento da origem para estabelecerem a identidade. Sem o conhecimento da origem ficam de fora da sociedade (Perceval não quer armar cavaleiro Artur o pequeno e quando os seus nomes aparecem escritos por mão divina em sedas da Mesa Redonda, a corte não quer que as ocupem até se conhecer a sua linhagem). Ou seja, sem o conhecimento da origem o tempo presente deles não pode correr normalmente, está «engolido» nesse passado desconhecido. E isso por culpa dos pais. Méraugis entrou na demanda para conhecer a sua origem, estabelecendo o conhecimento da origem como uma variante do conhecimento dos mistérios divinos do Graal. De resto, também no Perceval de Chrétien<sup>2</sup>, Perceval, que nem sequer sabe o seu nome, só quando jovem é que vem a saber os mistérios da sua origem que a mãe lhe tinha vedado, vindo depois a encontrar a corte do rei Pescador, o rei do Graal, o que significa encontrar a sua família, a sua linhagem<sup>3</sup>. Tal como Perceval no início, também Artur o Pequeno não sabe o seu nome (como outros heróis, entre os quais o nosso Clarimundo).

O problema da agressão paterna original aparece ainda no Ciclo do

---

<sup>2</sup> Chrétien de Troyes, *Le Roman de Perceval ou le Conte du Graal*, ed. de William Roach, Genève/Paris, Droz/Minard, 1959.

<sup>3</sup> Embora só com o encontro com o eremita, anos mais tarde, venha a ter plena consciência disso.

Graal com uma reactualização do tema de Herodes: no *Huth-Merlin*<sup>4</sup>, Artur tem um sonho inquietante que Merlim, depois de lhe anunciar que tivera, sem o saber, uma relação incestuosa com a mulher do rei Loth, que é sua irmã, explica dizendo que um cavaleiro já concebido mas ainda não nascido causará a perda do reino de Logres. Artur manda fechar em torres todas as crianças nascidas na data prevista. O rei Loth, pai suposto de Mordret, envia-lho também mas o barco naufraga e a criança salva-se (I p. 148; 157-8; 203-6).

Mordret disputará de facto o reino a Artur, depois da demanda concluída, e destrui-lo-á (ou melhor, acabará a destruição iniciada com a demanda), lembrando a Demanda, que até aí se lhe referira sempre como seu sobrinho, irmão de Galvão, a profecia quando diz: «Ai Deus! Ora vejo a profecia comprida que os homens sisudos desta terra disserom per muitas vezes: que rei Artur morreria per mão de seu filho. Ai Deus! Que dano e que perda!» (§673).

Ou seja, quando há agressão do filho é porque houve uma agressão paterna prévia e fundamental<sup>5</sup>.

2. Vejamos, agora, alguns exemplos da literatura francesa medieval.

O *Roman de Thèbes*<sup>6</sup> recupera para a França do séc. XII a história de Édipo e dos seus filhos numa tradução acrescentada da *Tebaida de Estácio*.

*Guillaume d'Angleterre*<sup>7</sup>, supostamente de Chrétien de Troyes, conta a história de um rei considerado muito santo e muito amante da rainha sua mulher que, ao fim de seis anos de casamento sem filhos, fica finalmente grávida. Deus manda então ao rei, através de uma voz, que abandone o reino. O capelão, com quem o rei se aconselha a este propósito, diz-lhe que restitua os bens que não lhe pertencem (o que é curioso, dada a sua suposta grande virtude). A voz repete-se e o rei acaba por abandonar tudo e parte em segredo com a rainha que insisti-

---

<sup>4</sup> *Merlin*, roman en prose du XIIIe siècle publié avec la mise en prose du poème de Merlin de Robert de Boron d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred Huth, éd. G. Paris et J. Ulrich, 2 vols., Paris, Firmin Didot, 1886.

<sup>5</sup> Cf. Irene Freire Nunes, *Le Graal Ibérique et ses rapports avec la littérature Française*, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Paris IV, 1992, tomo 2, cap.s «Mordret» (pp. 412-422) e «La Quête du Père» (pp. 574-582).

<sup>6</sup> *Le Roman de Thèbes*, publié par Guy Raynaud de Lage, II tomos, Paris, Champion, 1991 (1971).

<sup>7</sup> Chrétien de Troyes, *Guillaume d'Angleterre*, roman du XIIe siècle, édité par Maurice Wilmotte, Paris, Champion, 1978 (1927).

## *O Desconhecimento da Origem e a Procura da Identidade*

ra em acompanhá-lo, dando esta à luz, algum tempo depois, dois gémeos, que quer comer (notemos a proximidade do mito). Na sequência de várias peripécias, Guillaume vai perder igualmente a rainha e os filhos, ficando sozinho, reduzido a um despojamento total e durante 24 anos viverá com uma identidade falsa como criado, sob o nome de Gui. Tando prestado bons serviços ao seu amo, este "promove-o" e manda-o numa viagem a negociar, graças à qual reencontra a rainha e, de seguida, os filhos que, ao serviço de um senhor vizinho da mãe, que entretanto se casara com um velho cavaleiro e lhe hardara o feudo, estão em guerra com esta. O próprio encontro de Guillaume com os seus filhos é sob o signo da violência dado que estes não o conheciam nem sabiam que a dama contra quem lutavam era a sua mãe. Depois deste reencontro, Guillaume volta a Inglaterra e é restabelecido na sua dignidade real.

Vemos que, pouco antes de os filhos nascerem, o rei muda de condição: afinal não era tão santo como o texto começa por o descrever e é o nascimento futuro dos filhos que vem pôr a claro, por vontade divina e em favor da santidade do pai, a verdadeira situação deste, que era a de "ladrão". Os filhos futuros (ou os filhos-futuro) alteram claramente o estatuto do pai e põem a nu o seu crime, situação que o rei Artur e o rei Marcos tinham conseguido evitar ao separarem-se dos filhos por processos mais ou menos criminosos. O tempo do pai altera-se e toma um desenrolar inesperado: perde a sua condição real. Estamos a reconhecer aqui uma nova dramatização da situação que já tínhamos entendido com os exemplos da *Demanda*. Só que agora a alteração do estatuto do pai consuma-se e este tem que fazer uma longa viagem-exílio até retomar (no momento seguinte da alternância cíclica?) o seu estatuto real. Durante essa viagem os nomes e a identidade de toda a família ficam *elididos* e os filhos desconhecem mesmo quem são os seus pais, julgando-se filhos dos burgueses que os tinham salvo e recolhido. A viagem dos filhos até ao conhecimento da sua identidade (desconhecem mesmo que são irmãos) é ainda mais dolorosa que a dos pais. E tudo isto porque Deus quis afastar o rei da sua dignidade real, vontade a que este obedecera para se santificar. Para isso, o presente do rei fica como que *elidido* e essa elisão do presente do pai provoca uma fractura na identidade e na temporalidade dos filhos porque elide dela um momento fundamental, ou seja, o seu passado originário. O filho é, mais uma vez, sacrificado ao proveito, desta vez espiritual, do pai. Mas isto, notemo-lo, num contexto em que o nascimento do filho altera o estatuto do pai, introduzindo por aí o futuro como desencadeador de uma mudança radical no presente.

A questão da santificação do pai ligada à separação dos filhos e ao redobramento da paternidade destes é uma forma curiosa de pôr o problema e reaparece em *Gui de Warwick*<sup>8</sup>. Neste romance do séc. XIII, Gui de Warwick, o herói, torna-se o melhor cavaleiro do mundo para merecer a mão de Fenice, de estatuto social superior. Durante os anos em que percorre o mundo à procura de aventuras, na ânsia de provar o seu valor, as proezas acabam por estar inextricavelmente ligadas a crimes, pois não foram proezas de tipo exclusivamente ético, em serviço dos outros.

Considerado, finalmente, o melhor cavaleiro do mundo, acaba por se casar com Fenice e vivem 50 dias de felicidade, durante os quais ela engravida. Estando assim para ser pai, um dia Gui tem consciência que a sua felicidade fora comprada com crimes e, numa tarde de Maio, 50 dias depois do casamento, ao regressar da caça, sobe a uma torre e, chegando-se a uma janela, começa a pensar na honra social que Deus lhe fez e em como tinha penado por tantas estranhas terras por causa de uma mulher e em como nunca se tinha preocupado em servir o seu Criador. Decide, então, arrepender-se e mudar toda a vida, abandonando a situação social e a família (vv. 7555-7562; 7608-7630). De novo, tal como com o rei Guillaume, a consciência do crime dá-se depois da concepção do filho e, em consequência, o presente social do pai é, também, elidido. Gui passará a viajar disfarçado, escondendo sempre o seu nome, e as viagens, desta vez, levam-no a feitos de natureza ética para salvar outros, muitas vezes em reparação de situações que ele próprio anteriormente tinha criado. Antes de partir, recomendou à mulher que entregasse a educação do filho a Heralt, um seu amigo, da companhia de quem o filho acaba por ser raptado. Quando mais tarde um outro amigo, Terri, o encontra e lhe diz que o filho foi raptado, Gui, na resposta, não faz qualquer menção a isso, *ignora completamente* o rapto do filho (por mercadores, como os do rei Guillaume).

Filho esse que nunca chegará a conhecer o pai nem a ser conhecido pelo pai. Já depois de Gui morrer num eremitério, não muito longe de Warwick, onde por fim se recolhera, Rainbrun, o filho, encontrará Heralt, seu "pai adoptivo", que andava à sua procura e, não o reconhecendo, lutar com ele. Esta situação é redobrada pela do próprio filho de Heralt, Aselac, que encontrará o seu pai, depois de este ter encontrado o filho de Gui e, não o reconhecendo, luta com ele. Estas duas

---

<sup>8</sup> *Gui de Warewic*, roman du XIIIe siècle, édité par Alfred Ewert, II tomos, Paris, Champion, 1933.

### *O Desconhecimento da Origem e a Procura da Identidade*

situações são uma transposição da luta canónica entre o filho de Gui e o seu próprio pai, que o abandonara.

3. Vemos, assim, que, no caso de Édipo, o acesso ao passado que tinha sido vedado pelo pai é desbloqueado pela morte deste, que permite o acesso ao passado, sim, mas na pessoa da mãe, com as consequências trágicas que se conhecem. Aparece-nos aqui o conhecimento da origem depois de uma agressão a uma entidade parental que equivale a destruir a barreira que, na pessoa do pai agora morto, impedira esse conhecimento.

Tudo isto porque o desconhecimento da origem não permite a coerência da identidade (que lhe teria trazido o conhecimento das entidades parentais e o teria inserido no seu tempo) deixando o herói à mercê de circunstâncias trágicas. É aqui compreensível a importância e funcionalidade do conhecimento da origem para a construção de um presente e de uma identidade sem crime. O conhecimento da origem permite não estar à mercê das circunstâncias criadoras de tragédia e permite construir um tempo interior em que o presente do herói não se relacione com o passado em termos de ficar engolido por ele, como aqui acontece. Aliás, o acesso à mãe foi acesso à soberania, como Mordret ao pretender Guenievre (que não é sua mãe mas sim mulher do pai).

Gui de Warwick e Guillaume d'Angleterre contextualizam de forma «nova» esta separação da origem, porque a ligam à santidade. Há um crime de que os heróis tomam consciência quando os filhos estão para nascer. E para que os pais expiem esse crime, os filhos serão deles separados por longo tempo (sempre, no caso de Gui de Wawick). O crime dos pais não é aqui contra os filhos mas a sua expiação implica a separação destes que, no caso dos de Guillaume, desconhecem mesmo de quem são filhos. No caso de Artur o Pequeno e de Meraugis, os seus presentes estavam como que elididos, entre parêntesis, até que a sua origem fosse conhecida (não ser armado cavaleiro, não lhes quererem dar as seedas, etc.). Agora, nestes dois romances, são os pais que, para expiarem o crime de que tomaram consciência quando os filhos estavam para nascer, vão elidir o seu Presente, desistindo da realeza (Guillaume) ou da boa situação social e familiar (Gui). Esta elisão do presente descola-os da sua situação social e terrena para os ligar à vida espiritual com vista à santidade. E o desconhecimento que os filhos têm do Passado (que é uma variante enfraquecida do sacrifício do filho) é o preço que pagam por essa fractura entre os valores terrenos e espirituais em que os pais querem estabelecer a santidade. *Mas santidade que só desejaram quando os filhos estavam para nascer.* A situação

ficcional de disfarce que impede que sejam reconhecidos do mundo cria de facto uma barreira ao conhecimento do passado pelos filhos, com o que lhes retiram o futuro que seria próprio da sua identidade (são raptados, os de Gui e de Guillaume) e os deixam à mercê dos raptadores que representarão, sobretudo para os de Guillaume, dado que os de Gui têm um preceptor, os pais adoptivos (redobramento da paternidade). Gui de Warwick, já o dessemos, fica completamente indiferente quando lhe é anunciado que o filho fora raptado. O filho é como que sacrificado através do desconhecimento ou do afastamento da origem. Cortá-lo do princípio é impedir-lhe o futuro e a construção do tempo da sua identidade, dado que o desenrolar desse tempo está intimamente ligado às condições da origem. Sem saber quem é o herói não sabe quem deve vir a ser. Ao cortarem-se do futuro dos filhos, os pais pretendem manter a sua autonomia (o seu espaço social – Artur, Laio, etc., – ou o seu espaço espiritual – a santidade pretendida de Gui e Guillaume). Desistindo, por isso, simbolicamente da paternidade.

Para forçarem essa barreira que os separa do conhecimento do passado, os jovens heróis têm que lutar com a origem para libertarem o seu presente do domínio abusivo que o passado exerce sobre eles ao impedir-lhes o conhecimento da origem, indispensável para o estabelecimento da identidade. As entidades parentais (o passado) que assim procedem tornam-se úteis para a ética da luta que todo o herói tem que travar para criar espaço para o presente da sua individualidade porque *não são amáveis*. Aí o interesse do Monstro, com cuja terra se pode ficar, dada a sua negatividade (veja-se o caso do Gato das Botas, como exemplo conhecido).

Por isso, e saindo agora do âmbito estrito dos textos referidos, os heróis que foram previamente cortados da sua origem têm muitas vezes um destino excepcional porque têm uma legitimidade acrescida para se libertarem completamente de um passado (parental) que, ao cortá-los da origem e da verdadeira identidade, lhes legitimou esse abandono. Por isso, puderam criar um espaço para o presente da sua identidade *tão livre* que o imaginário universal lhes dá um destino exemplar que é uma consciencialização da máxima libertação do presente da sua identidade graças à justificação ética permitida pela negatividade do passado parental. O próprio rei Artur só muito tarde, e já depois de ser rei, soube de quem era filho<sup>9</sup>. O herói nestas condições ganhou o direito a uma máxima liberdade criadora – que é, talvez, o significado da pre-

---

<sup>9</sup> Cf., por ex., *Huth-Merlin*, I p. 171-3. No séc. XII a concepção de Artur já aparece na *Historia Regum Britanniae* e na *Vita Merlini*.

## *O Desconhecimento da Origem e a Procura da Identidade*

destinação do Perceval de Chrétien a quem a mãe tinha escondido o conhecimento do nome e da origem, dois elementos fundamentais para o estabelecimento da identidade. Talvez dentro da mesma lógica se deva interpretar o facto de Galaaz ser filho de uma relação ilícita, o que introduz uma fractura na origem. Os textos que se centram na procura da identidade acabam por explicar o mecanismo daqueles em que apenas aparece explícito o grande destino.

Estes textos medievais, mesmo quando não concedem um futuro grandioso aos heróis que tiveram que lutar para conhecer a origem, apresentam o que me parece ser uma reflexão dramatizada que nos permite entender a verdade simbólica da situação e entender por que razão tantos heróis fundadores viveram esta situação. Parece-me, ainda, de acrescentar a importância de pertencer a dois mundos pelo redobramento da paternidade. É a construção de uma identidade que se forjou numa mediação entre dois mundos e que na posição de terceiro se autonomizou maximamente de cada um dos dois (a alternativa à mediação é ser engolido por um deles, como Édipo). Muitos outros textos medievais sobre essa mediação reflectem também através das histórias que contam.